

Resenha
As anotações de Lukács a propósito de uma ética
The Lukács notes concerning an ethics

Ranieri Carli¹

LUKÁCS, G. *Notas para uma ética*. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

Como é do conhecimento geral, Lukács morreu deixando inacabado o projeto de escrever uma ética para a teoria social que se funda em Marx. Não apenas esse projeto ficou inconcluso, mas, também, a segunda parte de sua *Estética*, a sua *Ontologia do ser social* e os *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*, para não mencionarmos os escritos de juventude, como a *Estética de Heidelberg*, *A filosofia da arte*, *Dostoiévsky*, entre outros. Quando escrevia a sua *Estética* da maturidade, o filósofo húngaro a interrompeu porque percebeu o caráter urgente de se elaborar a ética; no instante em que se pôs a escrevê-la, aquela que seria a sua introdução avolumou-se de tal maneira que se transformou nos textos em torno da *Ontologia*; e, antes que finalizasse a *Ontologia*, Lukács já havia rascunhado algumas notas do que seria sua *Ética*.

Com efeito, saiu a lume uma versão em português de suas *Notas para uma ética*, em edição bilíngue do Instituto Lukács, a cargo de Sérgio Lessa. Além de traduzi-las, Lessa também se responsabilizou por uma introdução, imprescindível para a compreensão das (às vezes) enigmáticas notas de Lukács. De fato, dada a sua riqueza ímpar, com uma exposição clara de quem deseja ser inteligível para seu leitor, a introdução de Lessa é tão importante para o debate acerca da ética em Lukács quanto a própria publicação das observações esparsas do pensador húngaro.

Reproduzindo a edição húngara das notas, organizada por György Mezei, a cuidadosa publicação do Instituto Lukács assegura um conjunto de informações sobre a elaboração peculiar a Lukács, desde o conteúdo das pastas e dos envelopes em que o filósofo guardava os materiais de seu estudo até os livros mencionados por ele que correspondem à formulação das notas, de Sêneca a Hartmann, passando por Shakespeare, Goethe, Hegel, Marx e tantos outros.

A propósito do caráter fragmentário das notas, Lessa afirma, na introdução ao livro:

As *Notas para uma ética* não possuem elevado significado científico ou filosófico. São uma indicação muito difusa e imprecisa do que Lukács pretendia com sua *Ética*. São por

¹ Universidade Federal Fluminense – Rio das Ostras.

demais iniciais e pessoais para serem um guia ou orientação seguros. Toda cautela e toda precaução em seu emprego se fazem, por isso, imprescindíveis. Todavia, as notas compõem a melhor indicação disponível do que viria a ser a *Ética* que pretendia escrever Lukács e, por isso, é um material do qual o estudioso das obras de maturidade de Lukács – esperamos – tirará proveito. (2014, p. 55)

É correto que as notas só sugerem o que seria a *Ética* que estava por vir. Um bom número das anotações está marcado com a sentença: “para elaborar”, o que dá o tom de seu caráter embrionário; de todo modo, mesmo aquelas que não estão assinaladas pela sentença mereceriam uma elaboração posterior. O registro das notas revela que o trabalho de Lukács estava apenas por começar.

Como a experiência da *Ontologia do ser social* já havia exibido com clareza para Lukács, ademais, o projeto inicial de uma pesquisa pode se avolumar para além das proposições que lhe dão a partida; para falar com suas categorias, uma posição teleológica assume o caráter de causalidade que foge às intenções primeiras do sujeito que a pôs; isto quer dizer que a *Ética* poderia ser muito mais ampla do que o projetado nas notas (o que saberíamos com certeza apenas se a tivéssemos à mão).

Como a citação de Lessa acima demonstra, no entanto, trata-se do único material disponível que indica as pretensões de Lukács quanto a seu futuro livro; a sua leitura, portanto, é de vasto proveito para o estudioso das obras de maturidade de Lukács, sem a qual é possível incorrer em equívocos de interpretação.

Desde o início, é visível como Lukács pretendia se debruçar sobre a *Ontologia do ser social* para edificar sua ética. A ideia de que não há ética sem uma ontologia é verificável à proporção que caminhamos por entre as anotações, até chegarmos às palavras exatas: “nenhuma ética sem ontologia” (LUKÁCS, 2014, p. 181). São várias as referências que nos remetem aos temas já abordados na *Ontologia*. É perceptível que Lukács colocaria a ética dentro do quadro de recuo das barreiras naturais que o homem percorreu desde o primeiro ato do trabalho, a atividade que fez florescer categorias como a teleologia, a liberdade, a consciência, o valor e o dever-ser, que irão posteriormente preencher as posições éticas dos indivíduos singulares em seu confronto com a moralidade cotidiana.

Percebe-se igualmente que Lukács retomaria a discussão com a religião e as questões éticas que se envolvem nas práticas religiosas. Assim como se dá na *Ontologia*, a religião seria estudada na *Ética* como “a perda de sentido da realidade” (LUKÁCS, 2014, p. 151). A cisão do homem em classes sociais é o fundamento terreno pelo qual se compreende a necessidade social da religião. E, aqui, Lukács daria uma importância para a atualidade da carência religiosa em sociedades de capitalismo tardio,

especialmente os Estados Unidos; constam estudos de autores como Wright Mills e Veblen para entender a sociedade americana, feita de homens moldados pelas instituições; é interessante que Lukács (2014, p. 165), para falar de “empregados de colarinho branco”, refira-se também a Franz Kafka, um romancista pelo qual o filósofo não alimentou inicialmente uma simpatia (cf. LUKÁCS, 1991); com sua brevidade, a alusão a Kafka é de alta relevância para a história das ideias estéticas de Lukács.

Ao lado da manipulação religiosa das sociedades de capitalismo tardio, Lukács cuida também da religiosidade implícita nas teses das escolas que traduzem de forma fetichizada a manipulação que advém do capital monopolista, como o existencialismo e o neopositivismo; por exemplo, “a ontologia posta por Heidegger aceita todo o religioso” (LUKÁCS, 2014, p. 155).

A par disso, Lukács anota “o fascinante no Jesus humano” (2014, p. 153) para chamar a atenção para a conduta ética da figura de Cristo, uma conduta que o humanismo invertido da religião permite dentro de seus limites.

A relação que o sujeito ético estabelece com a generalidade a que pertence é esboçada por Lukács, por exemplo, na passagem a seguir: “impotência e poder da ética: aproximação ao que é próprio da humanidade. Da humanidade e formação dos seres humanos inteiros”; ou, então: “*ética individuum* como momento consciente do gênero” (LUKÁCS, 2014, p. 173; grifos originais). Esses instantes significam que, ao longo de sua *Ética*, Lukács teria o espaço ideal para desenvolver a noção de que o sujeito ético é aquele que se sensibiliza a tal ponto que está habilitado a elevar-se à consciência de gênero nas atividades de sua prática cotidiana; a constante referência nas *Notas para uma ética* ao “meio-termo” de Aristóteles significa que Lukács aproveitaria o lugar da *Ética* para fixar a sua categoria central: a particularidade, compreendida exatamente como o meio-termo aristotélico, isto é, o sujeito ético como quem, de uma só vez, não cancela a sua singularidade e não se entende desprendido da universalidade do gênero humano; ao contrário, compreende-se enquanto um meio-termo entre os dois polos, o singular e o universal, enquanto um membro singular de uma universalidade concreta. Entre outros, ver a referência das *Notas para uma ética* ao meio-termo de Aristóteles em Lukács (2014, p. 201).

Há, porém, uma afirmação de Lukács que é de peso histórico para os pesquisadores de sua obra tardia. No preciso momento em que está estudando as esferas da vida social que não possibilitam o erguer-se ético do sujeito na direção da consciência de gênero, Lukács nomeia o direito, a moral e, na mesma medida, a política. Eis a sua nota: “política, direito,

moral: (V) Trazer-à-função (desenvolver e preservar) do respectivo *zoon politikon* (nunca totalidade do humano)” (LUKÁCS, 2014, p. 185). Tais dimensões da vida social (política, direito e moral) teriam a função de “preservar” o respectivo *zoon politikon*, o estado de coisas em que o homem historicamente se apresenta, e nunca se remetem à “totalidade do humano”. Ao que tudo indica, pela continuação da nota, Lukács pretendia opor a essas esferas “a filosofia e a arte” como dimensões que justamente possibilitam a elevação do singular à “totalidade do humano” (2014, p. 185).

Tal observação acerca da política entra em colisão com os dizeres da *Ontologia*, pelos quais Lukács define a política como universal, atentando para o fato de que “não pode haver nenhuma comunidade humana, por menor que seja, por incipiente que seja, na qual e em torno da qual não aflorassem ininterruptamente questões que, num nível desenvolvido, habituamo-nos a chamar de políticas” (2013, p. 502).

Não é o lugar para nos estendermos sobre o assunto, muito embora o que foi dito nos parágrafos acima nos exija uma formulação bastante ampla do que escrevemos em outro espaço (cf. CARLI, 2013); com toda a cautela que sua leitura nos demanda, é possível observar nas *Notas para uma ética* que Lukács estava disposto a tomar a política como uma esfera pertencente às formas de sociabilidade que estão cindidas em classes antagônicas; trata-se de uma suposição pertinente, dado o texto que Lukács nos deixou de herança. De qualquer forma, cautelosamente ou não, com as *Notas para uma ética* à frente dos olhos, há que se mensurar com maior exatidão a ideia de que a política em Lukács possui a universalidade que veríamos no trabalho, na linguagem e na sociabilidade, por exemplo.

É de se lamentar que Lukács não tenha tido energias para desenvolver às últimas consequências o grande projeto da *Ética*, como qualifica Tertulian (1999). Isso vale também para a *Estética* e os textos da *Ontologia*. As suas *Notas para uma ética* deixam um sabor no paladar do estudioso de Lukács que, embora não nos sacie, permite vislumbrar de onde partiria o pensador marxista.

Louva-se, por fim, o empenho na divulgação em nosso meio da obra de Lukács, da qual participam tanto Sérgio Lessa quanto o Instituto Lukács, especialmente ao se focar na obra tardia do pensador húngaro – que gravitam ao redor da *Estética* e da *Ontologia* –, aquela que Lukács via como sendo o coroamento de sua trajetória intelectual.

Referências bibliográficas

CARLI, Ranieri. *A política em Lukács*. São Paulo: Cortez, 2013.

LESSA, Sérgio. “Introdução”. In: LUKÁCS, G. *Notas para uma ética*. São Paulo: Instituto Lukács, 2014, pp. 7-56.

LUKÁCS, G. *Realismo crítico hoje*. Brasília, DF: Thesaurus, 1991.

_____. *Para uma ontologia do ser social* v. II. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Notas para uma ética*. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

TERTULIAN, Nicolas. O grande projeto da Ética. *Revista Ensaaios Ad Hominem*, São Paulo, Ad Hominem, n. 1, t. 1, pp. 125-138, 1999.